

PR. AILTON JÚNIOR

ENTRE O
Sagrado
E O
Silêncio

Redescobrimo o papel
da fé na cultura, política
e arte contemporâneas

LETRCAPITAL

Pr. Ailton Júnior

Entre o Sagrado e o Silêncio
Redescobrimo o papel da fé na cultura,
política e arte contemporâneas

LETRAPITAL

Copyright © Ailton Júnior, 2026

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A253e

Ailton Júnior

Entre o sagrado e o silêncio [recurso eletrônico] : redescobrimdo o papel da fé na cultura, política e arte contemporâneas / Ailton Júnior. - 1. ed. - Rio de Janeiro [RJ] : Letra Capital, 2026.

Recurso digital ; 2 MB

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5252-273-3 (recurso eletrônico)

1. Teologia. 2. Religião e política. 3. Religião - Aspectos sociais. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

26-102608.0

CDD: 201.7

CDU: 27-43

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

05/01/2026

06/01/2026

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Prefácio	9
Introdução	13
Capítulo 1	
O vácuo teológico: o que é e por que ele nos afeta	19
Capítulo 2	
As raízes históricas do silêncio: reforma, Brasil e a Igreja Evangélica	29
Capítulo 3	
A reforma e o vácuo teológico: uma linha que ainda não foi concluída	39
Capítulo 4	
O pentecostalismo e a nova face da Igreja brasileira ..	50
Capítulo 5	
Entre o altar e o palco: a dicotomia que nos silencia	59
Capítulo 6	
Música, arte, cultura e fé.....	69
Capítulo 7	
A igreja e a política - A relevância da Igreja nas questões sociais contemporâneas	79

Capítulo 8	
Discipulado e a	
missão integral da Igreja.....	91
Capítulo 9	
O preço da voz profética.....	101
Entre o sagrado e o silêncio:	
um chamado à reconstrução.....	106
Referências bibliográfica	116
Sobre o autor	122

AGRADECIMENTOS

Com gratidão profunda no coração, dedico estas linhas a todos que foram instrumentos de Deus em minha caminhada. Agradeço primeiramente a Deus Pai, por sua graça infinita e por ter sustentado minha vida em cada estação.

Aos meus pais, que me ensinaram a transformar a fé em música, a simplicidade em legado e o serviço em estilo de vida. Ao meu pai, Pr. Ailton, exemplo de pastor fiel até o fim, e à minha mãe, Helena, cujo amor e perseverança moldaram meu coração e minha fé.

Aos meus irmãos Márcio, Olímpia e Débora, companheiros de vida e fé, com quem compartilhei risos, lágrimas e os primeiros passos de uma caminhada que nos uniu ainda mais no Senhor.

À minha amada esposa Jacqueline, companheira incansável de todos os dias. Celebramos juntos 20 anos de casamento, vinte anos de amor, fé, lágrimas, risos e sonhos que se tornaram realidade. Minha gratidão por sua vida é imensurável, e este livro também é fruto da nossa jornada lado a lado.

Aos meus filhos — Felipe, Ana Luíza e Timóteo — que são a minha inspiração diária e o testemunho vivo de que o Senhor é fiel em todas as gerações.

Ao Pr. Thiago Cunha e Kezia, pastores da City Church Anápolis, cuja vida dedicada ao rebanho tem sido exemplo e inspiração para mim e minha família. Agradeço pelo pastoreio fiel, pela amizade sincera e pelo cuidado espiritual que nos direciona em amor e verdade.

Sou grato aos pastores Messias e Elma, que derramaram o óleo do pastoreio sobre nossas vidas e acreditaram em nosso chamado pastoral, mesmo quando nem nós acreditávamos. Sua confiança, cuidado e amor deixaram marcas eternas em nossa jornada ministerial. Também à Jorge e Márcia Nishimura, cujo “sim” ao chamado de Deus fundou a *Universidade da Família*, onde minha vida e ministério foram tão profundamente transformados.

Rendo honra aos missionários David e Ruth Sanders, que, em 1948, plantaram em Goiânia a primeira Igreja de Cristo no Brasil, abrindo caminho para a fé que um dia alcançaria minha família. Aos meus colegas professores e alunos do seminário teológico local, que me desafiam diariamente a mergulhar mais fundo nas Escrituras e a viver uma fé coerente.

Em especial, agradeço a um grande amigo, Pedro Pôncio — escritor, teólogo político e influenciador — que foi o maior apoiador e encorajador para que eu escrevesse este livro. Seu exemplo e amizade foram combustível em momentos decisivos desta jornada.

Por fim, agradeço aos muitos pastores, líderes e desbravadores da fé no Brasil, cujo esforço e lágrimas, muitas vezes em silêncio, lançaram as bases para que pudéssemos estar aqui hoje. E também aos amigos que fazem parte da nossa história, que não estão citados aqui nominalmente, mas cujas vidas e gestos de amor foram igualmente fundamentais nesta caminhada. Este livro é fruto de todos vocês. Que Deus receba a Glória e que cada página seja também um tributo ao legado que carrego com alegria e responsabilidade.

E que estas palavras, escritas entre o sagrado e o silêncio, encontrem eco no coração de quem lê, como oração e como chamado.

PREFÁCIO

Há livros que nascem da pressa. Este não. Ele nasceu do silêncio — e das feridas.

Durante anos, carreguei inquietações que não cabiam nos corredores das igrejas que me formaram, nem nas caixas estreitas que tentavam separar fé e vida, púlpito e praça, música e espiritualidade, cultura e santidade. Muito antes de entender o que era “vácuo teológico”, eu o vivia. Era um adolescente com uma guitarra na mão, o coração cheio de fé, e a sensação de que a Igreja que eu amava insistia em deixar partes inteiras da vida do lado de fora das suas portas.

Aos dezesseis anos, descobri isso do modo mais doloroso: sendo expulso por tocar uma balada de rock cristão que exaltava ao Senhor. Não havia heresia, não havia pecado — havia apenas um estilo musical considerado “mundano”. Naquele dia, eu ainda não sabia, mas estava atravessando a mesma fronteira invisível que marcaria toda a tese deste livro: a falsa dicotomia entre o sagrado e o secular.

Essa ferida abriu em mim um caminho que, mais tarde, encontrei também nos corredores da história. Percebi que o que me feriu não era apenas uma rigidez litúrgica, mas um vácuo teológico que acompanha a Igreja Brasileira há mais de um século. Um vazio de formação, de visão de mundo, de coragem para habitar a cultura sem perder a identidade — e, ao mesmo tempo, sem demonizá-la.

Este livro é o resultado dessa peregrinação. Ele nasceu porque eu precisei responder, primeiro em mim, perguntas que ninguém me respondia: Por que crescemos acreditando que Deus governa o culto, mas não governa a política? Que guia o devocional, mas não guia a edu-

cação? Que aceita o louvor, mas rejeita a arte? Por que a Reforma que transformou sociedades inteiras não encontrou em nossas terras o mesmo solo fértil? Por que o pentecostalismo brasileiro — esse fogo que alcançou meus pais e incendiou casas, ruas e sertões — cresceu sem uma base robusta de formação, deixando uma geração inteira vulnerável à fragmentação entre fé e vida?

Aos poucos, fui percebendo que não se tratava apenas de história, mas de legado. Meu próprio caminho era parte dessa trama: cresci ouvindo meus pais cantarem sertanejo cristão nas manhãs da Rádio Aliança; vi líderes rejeitarem expressões artísticas por medo; caminhei por escolas bíblicas que apagavam a chama da cultura; atravessei movimentos missionários como a JOCUM que reacenderam a imaginação; mergulhei no pentecostalismo, na Reforma e nos profetas; e, finalmente, descobri na Palavra — especialmente na visão abrangente do Reino — que o problema nunca foi a arte, a política, a educação ou a música. O problema era a ausência de teologia para habitá-las.

A Igreja Brasileira herdou lacunas.

E onde há lacuna, há ruptura.

Onde há ruptura, nasce o silêncio.

E onde reina o silêncio,

a cultura fala mais alto do que a fé.

Escrevi este livro porque não acredito

que fomos chamados a viver assim.

*Cremos num Deus que cria, sustenta e governa
todas as coisas.*

Cremos num Cristo que reina sobre cada centímetro da existência humana.

Cremos no Espírito que sopra sobre culturas,
povos e ritmos, chamando beleza à vida.

Não temos uma igreja para ir;

somos uma igreja para levar.

E isso muda tudo.

Por isso, *Entre o Sagrado e o Silêncio* percorre séculos e atravessa minha própria história. Ele visita o impacto da Reforma, o surgimento do pentecostalismo, a música que molda sociedades, as feridas que moldam almas, as tensões entre altar e praça, as escolhas políticas que revelam maturidade espiritual, a obra do Espírito que liberta da passividade, e o convite bíblico para não apenas crer, mas encarnar a fé na vida real.

Aqui, história e testemunho caminham juntos.

Aqui, memória e crítica se abraçam.

Aqui, a fé não é um discurso — é uma lente.

E se nos capítulos seguintes mergulho no ensino de Daniel, na teologia de Kuyper, no pensamento de Platão, nos excessos do worship, no impacto sociocultural da música, na formação pastoral de Tiago 3.1, na responsabilidade política dos cristãos e nas feridas da estética pentecostal, é porque acredito que teologia não é apenas uma disciplina: é o fôlego da vida inteira.

Meu desejo é que, ao virar estas páginas,
você perceba que não escrevi um manual,
nem uma análise fria.

Escrevi um ato de reconciliação:

entre fé e cultura,

entre igreja e sociedade,

entre experiência e doutrina,

entre sagrado e cotidiano,

entre o menino expulso por causa de uma canção e
o pastor que hoje compreende que Deus habita até
os silêncios que não entendemos.

Que estas palavras encontrem você como um convite, não como uma imposição. Como um despertar, não como um julgamento. Como uma luz — mesmo que pequena — na travessia entre dois mundos que nunca deveriam ter sido separados.

E se, ao final deste livro, você perceber que a fé cristã é mais ampla, mais bela e mais viva do que imaginava, então este trabalho terá cumprido sua missão.

Porque a história não termina em silêncio — termina em coral ao Cordeiro. E até que esse dia chegue, seguimos cantando, pensando e vivendo diante daquele que é Senhor de todas as coisas.

Pr Ailton Junior

INTRODUÇÃO

Algumas memórias não se apagam. Elas permanecem em nós como cicatrizes luminosas, marcas de um tempo em que o coração descobria sua própria voz. O ano era 1998. Eu e meu irmão mais velho nos reuníamos diante de um velho rádio de madeira, já gasto pelo tempo, equipado com dois alto-falantes quadriaxiais e um autorádio improvisado, retirado de um carro. Para muitos, aquilo não passava de sucata; para nós, era o portal para um mundo secreto, o acesso a sons “proibidos”. A cada estalo do botão de sintonia, sentíamos como se estivéssemos abrindo uma fresta em uma janela escondida, como quem olha para fora de uma casa trancada. Não era apenas música; era descoberta, ousadia, uma busca por algo que intuíamos existir além das paredes que nos cercavam.

Sou o segundo de quatro filhos de uma família cristã tradicional. Meus pais se converteram quando eu tinha apenas três anos. Desde então, nossa casa foi marcada pela devoção, pela disciplina e por uma fé que moldava rotinas, conversas e escolhas. Cresci vendo meu pai, pastor Ailton, viver uma vida consumida em serviço até sua partida precoce, aos sessenta anos. Vi também minha mãe, pastora Helena, manter acesa a chama do evangelho com a mesma coragem dos primeiros dias, e ainda hoje, em idade avançada, ela permanece firme em proclamar a Palavra. Essa herança espiritual é o alicerce sobre o qual minha fé foi construída. Mas nenhuma herança, por mais pre-

ciosa que seja, nos poupa do desafio de lidar com os dilemas de nosso tempo. Foi nesse campo de tensões que aprendi que a fé é tanto um legado recebido quanto uma escolha diária.

Mas mesmo nos lares mais piedosos, a juventude encontra seus desertos e suas próprias buscas. Quando nosso pai saía para o trabalho, levávamos o rádio ao quarto. Fechávamos a porta e, em segredo, sintonizávamos estações que transmitiam o inesperado: Resgate, Catedral, Katsbarnea, Fruto Sagrado, Virtude, João Alexandre, Kadoshi, entre tantos outros. Ali, em volume baixo para não despertar suspeitas, descobríamos que a fé podia dançar em guitarras distorcidas, violões dedilhados, arranjos de rock, funk gospel ou MPB cristão. Aqueles acordes eram nossas orações clandestinas, nossa devoção camuflada — e também um ato silencioso de resistência contra um sistema que insistia em dizer que só havia uma forma legítima de louvar. Esse contraste entre a rigidez do culto e a liberdade da música abriu em mim um espaço de perguntas que nunca mais se fechou.

Essa busca por autenticidade custava caro. Fui repreendido, criticado e até afastado de comunidades por causa dos ritmos que amava. A rigidez doutrinária da época tratava como heresia tudo que não cabia nos moldes de um tradicionalismo marcado mais pelo medo do que pela Bíblia. Música era suspeita. Pintura, dança, teatro — tachados de mundanos. Frases como “rock é do diabo”, “arte é coisa do mundo” ou “cristão não se envolve com política” ecoavam como sentenças. Assim nasceu um muro invisível entre o sagrado e o mundano. Mas o que parecia muro, na verdade,

era um silêncio imposto: o silêncio da imaginação cristã, o silêncio de uma teologia reduzida, o silêncio de uma igreja que, ao tentar se proteger, acabou se isolando.

Esse muro, porém, nunca foi levantado pela Escritura. Ao contrário, a Bíblia nos apresenta uma visão integral da vida: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude” (Sl 24:1). Tudo Lhe pertence. Nada é neutro. Mas essa compreensão parecia distante das igrejas que conheci na juventude. Havia um descompasso entre a Bíblia aberta no púlpito e a vida fechada do lado de fora. Foi ali que percebi, mesmo sem dar nome, que havia um vácuo teológico — um espaço em branco onde a fé deveria dialogar com a cultura, mas não dialogava.

A história da minha família reflete essa tensão. Minha mãe foi a primeira a crer, em 1985, na Segunda Igreja de Cristo do Brasil, no Jardim Vila Boa, em Goiânia — fruto do trabalho missionário de David e Ruth Sanders, que trouxeram não apenas a Palavra, mas também projetos sociais como uma escola agrícola. Ali meus pais tiveram contato com a densidade bíblica de uma tradição reformada: Escritura como única regra de fé e prática, simplicidade no culto, convicção de que Cristo é o único cabeça da Igreja e a vivência comunitária da fé. Mas foi também ali que começaram a experimentar o avivamento pentecostal — curas, milagres, libertações. Essas experiências, porém, geraram desconforto na comunidade local, e a tensão levou-os a encontrar refúgio na Assembleia de Deus, onde serviram fielmente até a morte de meu pai. Essa transição não foi apenas uma escolha de

denominação, foi um retrato vivo da fragmentação da igreja brasileira.

Essa transição familiar é, em miniatura, a própria trajetória da igreja no Brasil. O protestantismo chegou ao país com influência reformada no século XVII e se estruturou com luteranos, presbiterianos, batistas e metodistas no século XIX. Mas o pentecostalismo do século XX cresceu de forma avassaladora. A ausência de diálogo entre tradição e avivamento criou um vazio: enquanto igrejas reformadas desprezavam muitas vezes o fervor pentecostal, o pentecostalismo, por sua vez, não buscou aprofundar suas bases teológicas. O resultado foi um corpo fragmentado, rico em experiência, mas pobre em reflexão. E quando experiência e reflexão não caminham juntas, o que sobra é fragilidade.

O resultado foi um vácuo teológico. Um silêncio que ainda ecoa nos corredores da nossa história. Somos, em números, uma nação cristã — mais de 86% da população assim se declara — mas, em essência, nossa cultura, política e arte pouco refletem a beleza e a força transformadora do evangelho. Ao contrário do que ocorreu em nações como os Estados Unidos, onde a tradição protestante plantou sementes que floresceram em instituições sólidas e ética pública, aqui a fé recuou para dentro dos templos. E quando a fé se fecha entre quatro paredes, a cultura se torna campo aberto para ser lavrada por outras vozes. Esse silêncio, como lembra Dietrich Bonhoeffer, não é inocente: “O silêncio diante do mal é ele mesmo o mal”^{*1}.

¹ Citação atribuída a Bonhoeffer, sem registro documental.

Esse silêncio não é neutro; é omissão. E toda omissão gera consequências. Basta observar nossa sociedade: promiscuidade exaltada, corrupção naturalizada, ideologias anticristãs infiltradas em escolas e universidades. A ausência de uma teologia sólida abriu espaço para cosmovisões que moldam o imaginário coletivo. E quando a igreja se cala, outros falam — e falam alto. Foi nesse ponto que percebi que escrever este livro não seria um exercício acadêmico, mas uma forma de romper o silêncio, um grito preso na garganta da minha alma que ecoa dizendo: desperta, igreja!

É por isso que escrevo este livro. Não para condenar, mas para compreender. Não para demolir tradições, mas para reconciliá-las. Quero revisitar a Reforma Protestante e suas causas, refletir sobre como o reformismo brasileiro ficou pela metade. Quero olhar para o pentecostalismo com gratidão pelo que trouxe, mas também com coragem para apontar seus excessos. Quero expor a dicotomia artificial entre sagrado e mundano e mostrar como ela nos silenciou. Quero falar sobre música, arte, cultura, educação e política como dimensões que pertencem a Cristo e precisam ser redimidas.

Creio, como Abraham Kuyper, que “não há um centímetro quadrado deste mundo do qual Cristo não possa dizer: é meu”². Se tudo é d’Ele, não existe terreno neutro. Cada lei aprovada no Congresso, cada compasso musical, cada tela pintada, cada palavra escrita — tudo pode e deve glorificar a Deus. E se não

² KUYPER, Abraham. *Lectures on Calvinism*, 1898.

glorifica, é porque a igreja deixou de exercer sua voz profética. Aqui nasce o fio que liga cada capítulo deste livro: da Reforma à política, da música à unidade, tudo converge para a necessidade de recuperar a coragem de falar em nome de Cristo.

Este livro é mais do que uma análise teológica. É um manifesto. Um chamado para romper o silêncio e ocupar os espaços que Deus nos confiou. Um convite para que você, leitor, descubra que sua fé não pode se limitar a cultos e reuniões, mas deve invadir a vida, a praça, a escola, a política, a cultura. Escrevê-lo é minha forma de dar corpo ao clamor que carrego: não temos apenas uma igreja para ir, somos uma igreja para levar.

Não estamos diante de um país sem esperança, mas diante de uma oportunidade singular. Uma geração pode se levantar para resgatar o que foi perdido. Entre o sagrado e o silêncio, precisamos escolher a Palavra, a coragem e a ação. Se o silêncio da igreja moldou nossa história até aqui, talvez seja a hora de uma nova história começar.

Pr. Ailton Junior

O vácuo teológico: o que é e por que ele nos afeta

O vácuo sempre intrigou cientistas e filósofos. Desde a Antiguidade, pensadores se perguntaram: é possível existir um espaço completamente vazio? Aristóteles rejeitava a ideia de vácuo absoluto, afirmando que a natureza tinha horror ao vazio (*horror vacui*)³, pois tudo o que existe tende a ser preenchido. Já na física moderna, o vácuo deixou de ser visto como ausência total, passando a ser entendido como um espaço onde forças invisíveis ainda operam, repleto de potencialidade, de campos quânticos e energia latente. O que chamamos de “vazio” não é um nada absoluto, mas um estado de espera, um palco pronto para ser ocupado.

Do ponto de vista filosófico, o vácuo pode ser compreendido como ausência de sentido. Quando algo deveria estar presente — uma ideia, um valor, uma direção — e não está, cria-se um espaço de fragilidade que será inevitavelmente preenchido por outra coisa. O silêncio diante de uma injustiça é um tipo de vácuo; a ausência de orientação moral é outro. Em ambos os casos, esse espaço não permanece neutro: aquilo que não é preenchido pela verdade será, cedo ou tarde, ocupado por ruídos, ilusões ou falsidades.

³ Aristóteles, *Física*, IV, discussão do *horror vacui*.